



## "ENTRE O POVO E A ELITE": PERCEPÇÕES DE BELÉM NA OBRA DE HUMBERTO DE CAMPOS.

LUIS AUGUSTO BARBOSA QUARESMA\*

MARIA DE NAZARÉ SARGES\*\*

### RESUMO

O presente trabalho tem como cenário a cidade de Belém/PA no início do século XX mais precisamente, 1897 – 1912, período em que esteve à frente da Intendência municipal Antonio José de Lemos. A partir deste contexto, busca-se compreender a percepção de Humberto de Campos acerca da cidade e a sua dinâmica. O intelectual maranhense, Humberto de Campos Veras, veio para o Norte a fim de trabalhar em seringais, porém após publicar um artigo nos jornais da cidade ganha destaque na administração municipal, passando a ser um partícipe do círculo intelectual da época. A partir da produção literária e memorialística de Humberto de Campos, percebe-se assim o cotidiano da cidade efervescente e em constantes modificações promovidas pela Intendência durante a *Belle Époque*. Assim, a construção de uma rede de intelectuais nesse período foi um fator fundamental para a manutenção de poder e divulgação das ações do intendente. Porém Humberto de Campos acaba por tornar-se um intelectual diferenciado, uma vez que em suas obras, retrata não apenas as ações da intendência e a elite da cidade, mas também, as classes populares e seus cotidianos.

**Palavras-chave:** Intelectual, Antonio Lemos, Humberto de Campos, Belém.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a refletir acerca das percepções sobre a cidade de Belém na obra do escritor maranhense, Humberto de Campos Veras durante um recorte da chamada *Belle Époque*<sup>1</sup>. Período este entre o final do século XIX e início do XX<sup>2</sup> em que a capital paraense passa por constantes mudanças paisagísticas, decorrentes do aumento do fluxo de capitais e pessoas advindos do comércio gomífero internacional na região. Se optou por trabalhar com o

---

\* Universidade da Amazônia – /UNAMA- Licenciado em História.; UFPA – bacharelado em História; Bolsista PROCAD UFF/UFPA

\*\* Universidade Federal do Pará – UFPA/FAHIS/PPHIST; Doutora em História Social.

<sup>1</sup> Para mais informações acerca da *Belle Époque* no Pará e em Manaus ver: SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. 2ª. ed. Belém: Paka-Tatu, 2002. 212p; DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus – 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.

<sup>2</sup> Geraldo Mártires Coelho delimita a *Belle Époque* entre os últimos vinte anos do século XIX e a primeira década do XX, como pode ser visto em: COELHO, Geraldo Mártires. *A lira de Apolo: O mecenato em Antônio Lemos e Augusto Montenegro (1897-1912)*. Belém: Estudos Amazônicos, 2014.

período de 1900 a 1911, parte da chamada “Era Lemos”, momento em que estava a frente da municipalidade o intendente Antonio José de Lemos, responsável por intensas remodelações arquitetônicas e urbanísticas na cidade de Belém, bem como a atração de artistas (nacionais e internacionais), jornalistas e escritores para a região.

Com essa inserção mais ampla da Amazônia em uma economia mundial proporcionada pela borracha, cidades como Manaus e Belém transformam-se em elementos chave para a logística desse mercado. Concomitante a isso surge uma nova burguesia que enriquecera por conta do látex, composta por fazendeiros, coronéis de barranco<sup>3</sup> e “barões da borracha”. Esse novo grupo de endinheirados passa então a demandar melhorias para a cidade e para o dinamismo da economia, como é ressaltado:

*A nova ordem econômica e a nova filosofia financeira nascida com a República, impunha não somente a reordenação da cidade através de uma política de saneamento e embelezamento, mas também a remodelação dos hábitos e costumes sociais. Era preciso alinhar a cidade aos costumes e padrões da civilização europeia. Desse modo, a destruição da imagem da cidade desordenada, feia, promíscua, imunda, insalubre e insegura fazia parte de uma nova estratégia social no sentido de mostrar ao mundo civilizado (entenda-se Europa) que a cidade de Belém era o símbolo do progresso, imagem que se transformou na “obsessão coletiva da nova burguesia” (SARGES, 2010: 20).*

Nesse período ocorre uma grande efervescência populacional, cultural e principalmente intelectual, bem como nos demais aspectos da cidade de Belém. Coelho (2011) lista alguns dos clubes e jornais que surgem em Belém neste período, como a Escola Literária Antônio Lemos, Academia de Poetas Paraenses, *A Província do Pará* e *A Folha do Norte*. Assim é possível perceber o destaque da grande movimentação na intelectualidade nortista, que não se restringia apenas ao âmbito local, mas também se expandia nacionalmente.

Antonio José de Lemos, o intendente que se estabeleceu no poder municipal por quatorze anos, de 1897 a 1911, além de ser um dos principais responsáveis por modificações na cidade, desenvolveu estratégias extremamente eficazes a fim de legitimar e assegurar seu poder. Uma delas foi a criação de uma “corte” dita lemistista de intelectuais em Belém, que eram os responsáveis pela divulgação da Amazônia na Europa como Frederico José de Sant’Anna

---

<sup>3</sup> Para a Amazônia, o termo coronel de barranco mantém o mesmo significado do restante do país: um homem que manda na região e dita as regras, delegando funções em meio à floresta (MENDES; QUEIRÓS, 2012). Nas palavras de Márcio Souza, o coronel de barranco do “ciclo” da borracha é um “cavalheiro cidadão em Belém ou Manaus e o patriarca feudal no seringal” (SOUZA, 2001, p.182).

Nery, analisado por Sarges e Coelho (2008) como propagandista da Amazônia no velho continente. Porém eram homens que transitavam ao redor da figura do intendente e influenciavam em seu projeto para a cidade, sendo alguns dos principais interlocutores entre o gestor e a população.<sup>4</sup>

Como discorre Bobbio (1997) os intelectuais influenciam o poder, ainda que estejam fora dele, criando propostas que seriam ou não escolhidas, assim o legitimando. A estratégia de Antonio Lemos então, de cercar-se de políticos, jornalistas, engenheiros, médicos, artistas e escritores era uma maneira de evidenciar quão ilustrado seria o governante, além de oferecer sustentação política ao intendente. Ou seja, o papel dos “intelectuais orgânicos” como denomina Gramsci (2001), seria essa inserção política com intuito de construir o projeto da classe a que eles pertencem e neste caso, se faz em constante contato entre as camadas populares da sociedade, a nova burguesia e os quadros administrativos da cidade.

Humberto de Campos (Figura 01) ao ser cooptado para a corte intelectual do intendente representou uma decisão importante e acertada tomada por Lemos. Vale ressaltar que o próprio escritor compreendia seu papel, como ele afirma em um comentário acerca de seu primeiro livro, intitulado *Poeira* (1910) “Os homens de letras que fizeram as suas primeiras armas na província, e sabem o valor que tem, no mercado da literatura local” (VERAS, 1935: 8), assim possuir jornalistas e literatos formadores de opinião próximo a si, seria fundamental para o novo dinamismo nessa cidade bellepoqueana. Humberto de Campos era maranhense e durante seu percurso de vida, trabalhou como caixeiro, montador de tipos jornalísticos, capataz de seringal e finalmente galgou a carreira de jornalista e escritor na cidade de Belém (1902 – 1912) e posteriormente, no Rio de Janeiro à época Distrito Federal.

---

<sup>4</sup> Alguns intelectuais que podem ser citados como exemplo são, Paulino de Brito, os irmãos João e Antônio Marques de Carvalho e Carlos Dias Fernandes.

Figura 01: Humberto de Campos em 1909, quando redator de A Província do Pará.



Fonte: Campos Filho, 1997.

## PELAS PÁGINAS DA CIDADE

A fim de compreender os relatos sobre a cidade de Belém na obra de Humberto de Campos, há necessidade de se perceber a *urbe* tal qual Quaresma (2016: 29) apresenta, como um espaço passível de mudanças e como o próprio sujeito da história, com inúmeros personagens que atuavam na modificação e na modernização da mesma a partir de suas interações. Durante todo o século XIX e início do XX as cidades ganham novos aspectos, como é perceptível:

*As cidades são a grande novidade do século XIX. O espetáculo da multidão nas ruas, a concentração da população num mesmo espaço, a moradia precária e superhabitada, a faina obsessiva das fábricas e o movimento alucinante de pessoas e mercadorias preparam a civilização que está por vir. E é no rastro do fenômeno urbano que ela surgirá. A nova civilização, portadora dos ideais do progresso e da crença no poder das ciências (PECHMAN, 1994: 1).*

Assim, percebe-se que a cidade é um elemento em constantes transformações, multiplicidades, interrupções, movimentos e continuidades que devem ser compreendidos pelo pesquisador, a tornando o fio condutor de suas análises. Os relatos cronísticos e de cunho

memorialístico construídos por Humberto de Campos são então páginas da história de uma cidade que constantemente precisa ser analisada.

Humberto de Campos Veras nasceu em 25 de outubro de 1886 na cidade de Miritiba<sup>5</sup> no Maranhão. De acordo com Campos Filho (1997) era filho de um comerciante afeito as letras chamado Joaquim Gomes de Farias Veras e a dona de casa Ana de Campos Veras. As primeiras menções a Amazônia em sua obra são percebidas quando o autor, ainda jovem e morando em São Luiz, relata sobre o que era divulgado a respeito da região norte do Brasil:

*[...] Por esse tempo, a Amazônia começava a transformar-se em Califórnia, em uma terra de prodígios, com pepitas de ouro ao alcance da mão dos cegos. Pedia-se por favor ao aventureiro que enchesse as algibeiras e se fosse embora. Mendigo que estendesse à liberalidade pública, podia, em um mês, abrir uma casa bancária. Caixeiros de Parnaíba, que abandonavam a vassoura e partiam em janeiro com um saco e uma passagem de prôa, regressavam em novembro com anel de brilhante, correntão de ouro, sete malas pregueadas, e cédulas de quinhentos mil réis, para casar nas famílias mais aristocráticas da cidade, quando não vinham casados, já, com uma índia rica, filha legítima ou legitimada do proprietário do seringal. [...]* (VERAS, 1933: 135)

Assim, é perceptível a ideia criada a respeito da região amazônica durante o período áureo da extração da borracha, local em que o dinheiro seria fácil, rápido e qualquer um enriqueceria. Porém, oculta o lado da exploração do seringueiro, das doenças e precariedades presentes na floresta, que posteriormente o autor perceberia com a partida de seus familiares:

*Após a permanência de alguns meses na capital paraense, havia esse Campos<sup>6</sup>, como disse em outro lugar, entrevisto a fortuna que lhe acenava com a mão pérfida naquelas regiões insalubres, e partiu a vê-la de perto. Subiu o rio, com a sua mala. E ao fim de dois meses a mala, recolhida por pessoas caridosas, voltava sozinha. O dono ficara sepultado, com a sua mocidade e a sua esperança, no alto de um barranco, nas proximidades de um seringal... [...]* (VERAS, 1933: 191 – 192)

Motivado pelas impressões da riqueza amazônica, Humberto de Campos então rumou ao Pará por conta própria, a fim de amealhar uma quantia em dinheiro e ajudar sua família. Campos Filho (1997) afirma que o primeiro emprego do futuro intelectual foi como capataz em um

---

<sup>5</sup> Localizada no estado do Maranhão, atualmente a cidade de Miritiba chama-se Humberto de Campos em homenagem ao escritor, que lá nasceu.

<sup>6</sup> Benjamin Campos, um dos tios maternos de Humberto de Campos, que morreu na região amazônica.

seringal no Rio Mapuá<sup>7</sup> e lá, começou seu trabalho de escrita, copiando em papel de embrulho um dicionário.

Crê-se que sua experiência como capataz de seringal, foi algo que balizou sua escrita. A exemplo disto se tem a publicação do poema *A Morte de Um Seringueiro* em seu primeiro livro, *Poeira*. Assim, se pode inferir que a vivência do intelectual em condições precárias, tenha moldado alguns dos aspectos de sua escrita a respeito dos populares na cidade de Belém. O escritor somente seria descoberto por Antonio Lemos após escrever um artigo sobre a questão precária dos seringueiros, fazendo então com que o intendente o chamasse para ser secretário da intendência, redator de seu jornal *A Província do Pará* e então, membro da corte lemistista.

Humberto de Campos ao discorrer acerca de Antônio Lemos demonstra grande proximidade e admiração para com o governante. Não negando que o mesmo foi um grande ídolo criado por seus amigos para a cidade de Belém, mas também mostrando que era um homem que trabalhava para a modernização da cidade, chegando a defini-lo como “repetição de um Medici ou do Rei Sol” (VERAS, 1923: 23) que muitas vezes era desvalorizado por grupos da sociedade paraense.

Como é descrito pelo autor, a cidade sofreu grandes modificações com ares franceses a partir da presença de Antonio Lemos a frente da Intendencia Municipal:

*[...] a cidade soffreu o golpe de uma dourada vara de magico. As ruas foram alargadas, calçadas, renovadas, multiplicadas. A edificação, que antes delle era modelada pela velha architettura colonial, deu logar às construcções elegantes, ao casario leve, às “villas” graciosas, consultando as manifestas necessidades do clima e as modernas exigências do gosto. Não houve terreno baldio, praça abandonada, de onde inesperadamente não brotasse um jardim, sorrindo nas flores e cantando na folhagem [...]* (VERAS, 1923: 24)

Por sua proximidade política e pelas relações de amizade com o intendente, é perceptível na escrita do jornalista a presença de elementos que destaquem as relações de Lemos com a cidade. Também, mostra Humberto de Campos que “A corte do intendente de Belém era, proporcionalmente, a corte de um príncipe italiano da Renascença” (VERAS, 1923: 28), que

---

<sup>7</sup> Rio localizado na região da Ilha do Marajó, mais especificamente, na cidade de Breves (PA), onde hoje se localiza uma reserva extrativista denominada Reserva Extrativista Mapuá.

assim como ele, inúmeros escritores e artistas do país e internacionais<sup>8</sup> eram partícipes e protegidos do intendente.

Além de fazer compreender que o mesmo homem trabalhador e modernizador da cidade, possuía um lado sonhador e imaginativo, dono de uma “loucura dourada” (VERAS, 1923: 25) que buscava em eventos relativamente cotidianos como regatas e o carnaval, motivos para grandes festas em que eram dispensadas grandes quantias dos cofres da intendência:

*[...]elle procurava, em tudo – nas estações e na historia – nos acontecimentos humanos e nas oscillações atmosfericas – pretexto para verdadeiras festas de dóge. Para uma simples regata engalanava a bahia com os galhardetes de cincoenta navios, transportava para estes a cidade, e encantava-a, soberbo, com a sua desregrada munificência. Não havia, nesses dias, quem não fosse atingido pelas radiações da sua grandeza. As senhoras voltavam cumuladas de brindes, as creanças eram carregadas de brinquedos, a população em peso dansava, comia, bebia, e tombava desarmada para a revolta deante da gloriosa magnanimidade do “tyranno”. Havia carnaval em que a municipalidade derramava duas centenas de contos. Em certo dia de fevereiro, acordou a cidade ao barulho de duzentos martellos. Era uma fantasia de Antonio Lemos que ia ser realizada. E a cidade viu realmente, dentro de dois dias, surgir em uma das praças um amphitheatro enorme com centenas de camarotes para a “elite” e extensas archibancadas para o povo – obra provisória que custava mais de cem contos, e que começava a ser desmanchada, taboa por taboa, ás primeiras horas da quarta-feira de cinzas!...] (VERAS, 1923: 25 – 26)*

Outro aspecto da obra de Humberto de Campos é a riqueza de detalhes ao descrever os aspectos da cidade que se aparelha em função de novas demandas. Descreve como se davam as festas públicas organizadas na urbe modernizada em meio a floresta. Isso faz perceber a importância desses eventos públicos na política do gestor como forma de manutenção de governo, principalmente quanto as classes populares, que inúmeras vezes eram as mais atingidas pelas políticas saneadoras e estruturais desenvolvidas na cidade.

Quanto à higienização social da cidade, o intendente desenvolve obras como o Asilo de Mendicidade, o Hospital Domingos Freire, o Asilo dos Alienados que foram estratégias adotadas para expurgar do centro urbano os miasmas e as doenças. Ele ressalta em suas memórias o aspecto de surpresa que o viajante possuía ao ver a cidade sem esses chamados párias da sociedade:

---

<sup>8</sup> Artistas como Carlos Custódio de Azevedo, Theodoro Braga, Francisco Aurélio de Figueiredo Melo, Joseph Casse, Davi Widhopff e Maurice Blaise. Para mais informações acerca do panorama artístico na cidade de Belém, ver: FIGUEIREDO, Aldrin Moura. *Quimera Amazônica: Arte, mecenato e colecionismo em Belém do Pará, 1890-1910*. CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), v. 28, p. 71-93, 2010.

*[...] a capital parãense não tinha mendigos; em Belém do Pará ninguém estendia a mão à caridade pública.[...]*

*A próspera e poderosa cidade amazônica possuía, em verdade, [...] um orfanato para as crianças desvalidas, estabelecimento modelo no seu gênero; e havia um Asilo da Mendicidade a porta o pobre ia bater, e a que era conduzido se por ventura, na sua paixão pela liberdade na miséria, transgredia as posturas policiais, pedindo diretamente ao povo aquilo que êle lhe oferecia por intermédio do Município. [...]. Não havia cegos pelas esquinas gemendo na sua vida triste as queixas do estômago e do coração. Nenhum transeunte desceu jamais de uma calçada por se achar atravessada no passeio a perna de pau de um mutilado. Nenhuma criança estremeceu de horror, estacando de súbito, ao olhar de uma chaga sangrenta, fervilhante de mûscas. Nem se viu, nos peores dias das finanças municipais, uma velha mãe esquelética distribuir o pelotão de filhos magros por toda a extensão de uma rua, para estender as mãozinhas sujas, e preparadas para a ociosidade e para o vício, aos que iam e vinham no tumulto da faina quotidiana. [...]* (VERAS, 1935: 101 – 103)

Essa completa ausência de mendigos e doentes na cidade é possivelmente um exagero do escritor, porém evidencia o grande empenho que as forças públicas possuem em tornar aparentemente a cidade um local mais aprazível. Por mais que exista uma falta dessas pessoas na cidade segundo o escritor, a presença dos tipos populares, do trabalhador que ganha pouco e do migrante são importantes em sua obra.

Uma particularidade que enriquece a obra do intelectual é o fato dele não se preocupar ou se restringir apenas em relatar as obras do intendente, ou as ações políticas e as belezas dessa cidade remodelada, ainda que intimamente ligado a essas instâncias. Humberto de Campos narra também o cotidiano de camadas populares e do migrante<sup>9</sup> na cidade, além dos problemas que os atingem, a violência, os empregos com menor remuneração, as formas de viver e se relacionar desses grupos. Belém nesse período foi uma grande receptora de pessoas vindas do Nordeste, principalmente do Ceará e em suas memórias, Humberto de Campos os nomina e mostra algumas das histórias vividas por eles na cidade. Como o caso narrado a seguir:

*Verificada a falência do pai, um velho baixo, grosso, de cabeça enorme e branca, seguiu a família, toda, para Belém do Pará, onde o desventurado ancião se tornou, em breve, uma das figuras mais populares da cidade. Sobraçando um rôlo de esteiras de carnaúba, percorria êle, arrastando nos pés fatigados os velhos chinelões de couro, as ruas da capital opulenta, gritando o artigo do seu comércio, concluindo, sempre, com o estribilho, que lhe deu o apelido:*

*- E' barato!...E' barato!...E' barato!... (VERAS, 1933: 255)*

---

<sup>9</sup> Para maiores informações sobre a migração nordestina para o Pará, ver: LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. Belém: Ed. Açáí, 2010.

O caso da família de “E’ barato”, retrata a cena de uma das muitas famílias de migrantes que se dirigiram a Belém a fim de amealhar uma certa quantidade de dinheiro, capaz de melhorar sua vida, como já relatara Humberto de Campos quanto a divulgação da região amazônica no Nordeste.

Mostra também a luta pela instrução dos familiares a fim de no futuro possuírem melhores condições de vida, como é o caso dos “Genús”, família que Humberto de Campos conheceu:

*[...] Filhos de um velho cearense que fabricava tijolos e telhas para os lados do Maguarí, mandára-os o pai estudar em Belém, consignados á casa comercial que vendia na praça os produtos da sua olaria. Pouco a pouco, porém, foi o industrial se endividando. O gordo caboclo paraense Raimundo Lôbo, chefe da firma credora, não atirou os rapazes á rua: cortou-lhes, apenas, o jantar, que lhes dava na sua casa de residência, e exilou-os para o fôrro do estabelecimento, onde, para se instalarem, tiveram que dar combate desesperado, e contínuo, aos morcêgos e ás aranhas.[...]*  
(VERAS, 1935: 243)

Porém mostra outra face da *Belle Époque*, a da pobreza, das dificuldades e da invisibilidade, um exemplo de histórias de vida de muitos migrantes que acabam por muitas vezes esquecidos nas páginas de diversos intelectuais e da própria gestão pública.

Muitas vezes, esses homens e mulheres vindos do Nordeste acabam por prosperar, como o caso do engenheiro José Sidrim<sup>10</sup>. Porém, boa parte deles são alijados dos centros urbanos, morando nos arrabaldes da cidade, exemplo disso é a existência de um local chamado Rua dos Cearenses, (Figura 02) via em que residiam pessoas mais pobres e migrantes. “E’ barato” é um dos muitos indivíduos que na tentativa de assegurar um futuro melhor aos seus descendentes, torna-se “[...] no seu heroísmo surdo e desconhecido, um tipo de rua, uma figura popular da cidade. [...]” (VERAS, 1933: 256). A partir da obra do jornalista, é possível conhecer também a contramão do fausto, percebendo o povo, transitando na lida diária das classes populares.

Figura 02: Rua dos Cearenses

---

<sup>10</sup> José Freire Sidrim, arquiteto e desenhista nascido em Fortaleza, que veio ao Pará com melhores possibilidades de emprego, destaca-se principalmente pelo projeto do Grande Hotel e do Santuário de São Francisco. Para mais informações sobre José Sidrim, ver: MATOS, Ana Léa Nassar. José Sidrim (1881 – 1969) um capítulo da biografia de Belém. 2017, 340 f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia). Universidade Federal do Pará. Belém. 2017.



Fonte: Pinterest, 2017.<sup>11</sup>

Como pode ser visto, a *Belle Époque* não é apenas a riqueza, o “ouro branco” escorrendo do veio das árvores e o luxo. Muitos dos trabalhadores que transitavam pela cidade davam tudo de si em trabalhos mal remunerados e em condições precárias. O primeiro emprego jornalístico de Humberto de Campos no Pará se deu em uma folha da cidade chamada *Notícias*<sup>12</sup>, e em suas memórias é possível vislumbrar o cotidiano dos trabalhadores:

*[...] A vida na redação do “Notícias”, diário paraense em perpétua agonia, era uma espécie de campeonato de resistência á fome, em que entravam todos os trabalhadores do jornal. Com a falta de pagamento, os ocupantes dos cargos de relevo iam desertando os postos, sendo substituídos, automaticamente, pelos subordinados, que aceitavam, sôfregos, o mandato, na esperança de, com o prestígio novo, liquidarem a dívida velha [...] O pessoal em atividade era pouco, mas a casa estava cheia, por uma circunstância curiosa: é que, fatigado de trabalhar sem receber o seu salário, o redator, o repórter e o revisor, não tendo aonde viver, se instalavam em uma das dependências da redação, e aí ficaram residindo, com a rede armada a um canto ou, simplesmente, com um monte de jornais para servir-lhe de cama. [...]* (VERAS, 1935: 229 - 233)

Assim é possível perceber que muitas vezes a saída do migrante do Nordeste para a Amazônia nem sempre seria sinônimo de prosperidade. A situação do operariado, composto principalmente de pessoas de baixo poder aquisitivo e baixo nível de instrução estavam sujeitas a situações como esta. Crê-se que esse exemplo ilustra muito bem as duas faces da *Belle Époque*, o jornal se localizava próximo a Biblioteca Pública, espaço de requinte, civilização e ilustração, porém em seu interior se respirava a pobreza, a fome e a insalubridade.

<sup>11</sup> Imagem obtida a partir do link: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/23/5c/1c/235c1c7fdb0386c3f377f564f055d6a8.jpg>

<sup>12</sup> Até o presente momento não foi possível identificar nenhum exemplar deste periódico a fim de obter informações mais concretas sobre o mesmo.

Como já fora relatado, se acredita que a experiência do intelectual como seringueiro o tenha levado a escolher algumas de suas memórias escritas, bem como a forma que as narra. A situação precária na qual viveu também acabou por se tornar um balizador, como é relatado por Veras (1935: 240) “[...] Certa manhã, tendo regressado do Notícias pela madrugada, não pude dormir um só instante, com fome. Tinham-me faltado, nesse dia, como em muitos outros, os trezentos réis para o café com pão dos canoeiros, vendido em carrocinhas, na doca do Vêro-Peso. [...]”. Assim é perceptível que a experiência ou as experiências vividas por Humberto de Campos, constroem uma carga de escrita que dá voz não apenas à elite, mas também a outros sujeitos sociais que passaram por situações similares a dele antes de sua inserção ao grupo lealista.

O livro *Reminiscências...* é publicado em 1935, um ano após a morte de Humberto de Campos e possui um relato humorado do processo político no Pará. Talvez essa crônica satírica, não fosse publicada quando ainda em vida ou pelo menos quando Antonio Lemos era vivo, visto que mesmo não nomeando pessoas, retrata uma situação que poderia ser entendida como uma crítica ao intendente

*[...]Tendo recebido do seu chefe, que o é na capital, a cédula com que devia votar e um “vale” para almoçar em determinada pensão da cidade, um eleitor, sustentáculo da democracia, partícula da consciência nacional, meteu no bolso as duas papeletas e encaminhou-se para a seção eleitoral em que devia cumprir o seu direito de cidadão. Chegada sua vez, penetrou no gabinete secreto, enfiou no envelope uma das papeletas, entregou-a á mesa, e saiu, rumo da pensão que lhe haviam antecipadamente indicado. Finda a refeição, chamou o gerente, e entregou-lhe a papeleta que lhe restava no bolso.*

*– E o “vale”?. Não trouxe o “vale”?. – Indagou o gerente.*

*– Não está aí? O senhor não está com êle na mão?*

*– Não, senhor; isto não é “vale”; isto é a cédula para o senhor votar.*

*E o eleitor:*

*– Se quizer, é êsse mesmo. O outro papel eu botei no envelope e deixei guardado num bauzinho na sala das “inleição”! [...] (VERAS, 1935: 187 – 188)*

A partir deste excerto das memórias do intelectual é possível perceber o quão falho era o sistema de votação na cidade de Belém, evidenciando aos leitores, o mecanismo de controle dos currais eleitorais nas decisões políticas da cidade. Desse modo, ressalta-se a importância da obra de Humberto de Campos que nos permite vislumbrar o universo da cidade lealista com as suas nuances políticas, sociais e econômicas tão características de uma cidade amazônica empoderada pela riqueza proveniente da exportação da borracha.

## REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 1997, 187 p.

CAMPOS FILHO, Humberto de. **Irmão X**, meu pai. 2 ed. São Paulo: Lúmen Editora, 1997, 176 p.

COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da *belle époque* da borracha (1890-1910): dirigindo olhares. **Escritos** (Fundação Casa de Rui Barbosa), Rio de Janeiro, v. 5, p.141-168, 2011. Disponível em:

<[http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/FCRB\\_Escritos\\_5\\_8\\_Geraldo\\_Martires\\_Coelho.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/FCRB_Escritos_5_8_Geraldo_Martires_Coelho.pdf)>. Acesso em: 08 nov. 2016.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Antonio Gramsci: cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.

PECHAMN, Robert Moses. Olhares sobre a cidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. p.3-8.

QUARESMA, Luis Augusto Barbosa. **A Estrada de Ferro Belém – Bragança: para além da Integração (1901 – 1908)**. 2016, 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade da Amazônia, 2016.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)**. 2ª. ed. Belém: Paka-Tatu, 2002. 212p.

SARGES, Maria de Nazaré. COELHO, Anna Carolina de Abreu. Do Rio Amazonas à Península Ibérica: viajando com o Barão de Marajó. **Varia Historia** [online]. 2014, vol.30, n.53, pp.487-505. ISSN 0104-8775. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752014000200008>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

VERAS, Humberto de Campos. **Reminiscências...** 1 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935, 212p.

\_\_\_\_\_. **Carvalhos e Roseiras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Leite Ribeiro, 1923, 318p.

\_\_\_\_\_. **Memórias 1ª parte**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Marisa, 1933, 402p.

\_\_\_\_\_. **Sepultando os meus mortos**. 1 ed. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1935, 276p.



13

\_\_\_\_\_. **Memórias inacabadas.** 1 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935, 254p.